

POLICIA

O que há de terrível no caso do espancamento do jornalista Nestor Moreira é que ele nada tem de extraordinário. O que esses guardas do 2º Distrito fizeram não foi produto de um ataque de sadismo; foi mera rotina. Apenas eles não tiveram sorte porque, a) tratava-se de um jornalista conhecido e estimado em sua classe; b) uma pancada de mau jeito produziu uma hemorragia interna.

Não só os guardas como o comissário e o delegado agiram segundo o figurino. O comissário, tendo pago a corrida de táxi, não registrou o fato do espancamento, naturalmente porque o achou normal. O delegado, irritado com a imprensa como se essa tivesse alguma culpa em seu fracasso no caso da morte da francesa, telefonou no dia seguinte para um conhecido repórter pedindo-lhe que "não fizesse exploração" em torno do caso, se irritando quando o profissional disse que era obrigado a noticiar os fatos. Esta é a mentalidade de nossa polícia e para se avaliar toda a gravidade do acontecido é preciso compreender isso.

O trabalho propriamente policial foi feito pela imprensa. Foram os colegas de Nestor Moreira que deram o alarme, foram eles que descobriram a testemunha principal e apontaram o criminoso. Ninguém duvida da correção do delegado Schwab nem do chefe general Ancora; mas a verdade é que, se a reportagem não tivesse como que avocado a si esse inquérito, em um momento de decisão e revolta, tudo seria encoberto por testemunhas compradas ou ameaçadas. Já não havia uma infeliz mulher da vida sido "conversada" para testemunhar que o ambiente no Segundo Distrito era mais alegre que em sua casa? Quem tem coragem de depor contra a polícia sabendo que ela é soberana? A longa impunidade de todos os seus crimes, principalmente durante o estado de guerra e o Estado Novo, impunidade que abrange desde os carrascos primários até os filinotos, ráus e vargas, criaram hábitos e complexos que se não podem estranhar. A reforma da Polícia tem de ser feita de alto a baixo e de maneira radical: exige um expurgo e uma reeducação total. Não vejo que isso seja possível quando os grandes responsáveis, os grandes culpados, os frios mandantes e beneficiários de seus crimes estão na posição em que se encontram.

Quero dizer aqui ao jornalista Nestor Moreira minha palavra de solidariedade. Talvez ele já não possa ouvi-la. Mas o caso transcende a sua pessoa. Ele simboliza neste momento todas as vítimas obscuras da polícia, todos os humilhados, torturados, assassinados por uma polícia eternamente criminosa e eternamente impune.

16/5/54

R. B.